



A “Longue Durée” e uma antiga história

antiga na
Amazônia Central

Helena Lima

Alguns problemas da arqueologia na
Amazônia e na Amazônia central

Temas como densidade demográfica, duração de ocupações, padrões de mobilidade e formas de organização social foram debatidos em larga escala por arqueólogos trabalhando na Amazônia durante todo o século XX. A base para tais discussões estava no estabelecimento do tamanho e duração de ocupação dos sítios arqueológicos, e também na filiação cultural e posicionamento crono-estilístico dos conjuntos artefatuais ali encontrados. Embora parcamente conhecido, o registro arqueológico desta imensa região foi interpretado de maneiras muito diversas. Trata-se de um debate cuja origem estava na contraposição de diferentes vertentes interpretativas que trataram, especificamente, da origem, desenvolvimento e dispersão dos conjuntos arqueológicos da Amazônia central em termos de continuidade ou ruptura.

Neste longo histórico de debates ficaram marcadas duas posturas antagônicas. Por um lado, o viés interpretativo que se difundiu amplamente colocava a Amazônia como área periférica no quadro da história de ocupação do continente (MEGGERS, 1954, 1971, 1990; MEGGERS ; EVANS, 1983). Em oposição a essa idéia, o chamado modelo cardíaco colocava a região como antigo centro dispersor de levas populacionais e de inovações culturais no continente (BROCHADO; LATHRAP, 1982; LATHRAP; OLIVER, 1987; LATHRAP, 1970a). No cerne deste modelo de ocupação, a Amazônia central se coloca como região-chave, interpretada como *locus* de tais inovações.

Nem tanto ao céu, nem tanto à terra, as “Amazônias” que hoje vemos, em toda a sua bio (e sócio) diversidade, são fruto da agência integrada da natureza e das sociedades humanas (BALÉE, 1993, 1994; BALÉE; ERICKSON, 2006). Considerada como um verdadeiro ‘mosaico paisagístico’ (NEVES, 2005), a Amazônia central – alvo da pesquisa que deu origem a este artigo – engloba diferentes feições fito-geográficas que foram palco de distintas, e por vezes deveras intensas, maneiras de uso e ocupação, ao longo de uma história que remonta à pelo menos nove mil anos (COSTA, 2009: 104; NEVES, 2008a, NEVES *et al.*2008). O foco deste artigo está, entretanto, nas sociedades agrícolas e ceramistas que habitaram a região durante os últimos séculos a.C., o primeiro milênio d.C., até aproximadamente o XI ou XII século d.C., cujos padrões materiais podem ser, de maneira mais ou menos direta, associados à Tradição *Borda Incisa, Incisa e Modelada* ou *Barrancóide*¹ na Amazônia central (HECKENBERGER *et al.*, 1998, 1999; HECKENBERGER, 2002; HILBERT, 1968; LATHRAP, 1970a,b; MEGGERS; EVANS 1961, 1983).

¹ Materiais relacionados à chamada Série Barrancóide aparecem em uma ampla área do norte do continente Sul-Americano, incluindo a Bacia do Orinoco na Venezuela, o Norte da Colômbia, as Guianas e as Antilhas Menores (Rouse;Cruxent, 1963; Boomert 2000; Roosevelt 1997; Gasson 2002). As semelhanças entre esses conjuntos e as cerâmicas da Tradição Borda Incisa (também denominada Incisa e Modelada) são evidentes e foram largamente discutidas (Gomes, 2002; Heckenberger *et al.* 1998; Heckenberger, 2002; Lathrap, 1970a, b; Lima *et al.* 2006; Lima, 2008; Meggers; Evans, 1983). No presente artigo, as referências à Tradição Borda Incisa, termo definido por Meggers & Evans (1961) fazem referência também às cerâmicas da Série Barrancóide (Rouse; Cruxent, *idem*), visto que na opinião da autora os dois conjuntos são culturalmente relacionados.

Esta região tem sido estudada desde 1995, por uma equipe multidisciplinar vinculada ao Projeto Amazônia Central (PAC), sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Os estudos conduzidos pelo PAC têm o objetivo de angariar dados sobre os sítios arqueológicos ali identificados, como tamanho, densidade e cronologia (NEVES, 2005), e com o propósito mais amplo de testar as diferentes hipóteses colocadas para a região. A área de pesquisa do projeto é delimitada a Leste pelo rio Negro, a Oeste pelo Solimões e a Norte pelo rio Ariáú, no município de Iranduba, estado do Amazonas, formando um triângulo com aproximadamente 900 Km² (Figura 2), com um de seus vértices localizado justamente no famoso ‘encontro das águas’, entre rios de águas brancas e pretas, que sempre impressionou olhos e sentidos humanos.

O presente artigo apresenta os dados obtidos a partir dos trabalhos em dois sítios arqueológicos extremamente representativos no contexto da Amazônia central, sendo um deles às margens do rio Solimões o outro no rio Negro. Vale lembrar, no entanto, que as considerações e conclusões ora expostas advêm da análise outros contextos de doze sítios, que compuseram a tese de doutorado da autora (LIMA, 2008).

A referida pesquisa propôs uma cronologia de ocupação da região, reformulando um quadro pioneiro proposto na década de sessenta (HILBERT, 1968), em particular no que se refere às ocupações associadas à Tradição Borda Incisa e indicando, inclusive, a ocorrência de uma nova fase cerâmica, com datações de até 300 anos a.C (LIMA *et al.* 2006, LIMA, 2008). As correlações crono-espaciais propostas tangem diversos aspectos culturais dos povos supostamente produtores destas cerâmicas, como certo grau de desenvolvimento agrícola e densidade populacional, que deram origem, há aproximadamente dois mil anos, às Terras Pretas de Índio² na Amazônia central.

Através de uma fusão entre base empírica e *corpus* de conhecimento disponível, pensou-se uma história de ocupação da Amazônia central agenciada por grupos culturais integrados através de um complexo sistema sócio-político, que extrapolou fronteiras étnicas, lingüísticas e ambientais. Segundo o argumento desenvolvido, este sistema estaria materializado na Tradição Borda Incisa e teria se desenrolado ao longo de muitos séculos, com início em torno do *anno domini* e se estendendo até os séculos XI e XII d.C. A esta intrincada rede macro-regional estão ligados elementos como a padronização de um sistema de comunicação, expresso através das cerâmicas relacionadas às fases Açutuba, Manacapuru e Paredão (Figura 1), e também das formas de usar e organizar o espaço (LIMA, 2008).

Parâmetros cronológicos da ocupação da Amazônia Central através dos sítios Açutuba e Hatahara

A longa história tratada neste artigo abrange um período cronológico de pouco mais de um milênio, que, em toda a sua diversidade, é interpretada enquanto um *contium* cultural,

Figura 1.
Apliques cerâmicos
das fases Açutuba,
Manacapuru e
Paredão,
respectivamente,
provenientes de
sítios arqueológicos
da Amazônia
central (sem escala.
Desenhos: Marcos
Brito, Val Moraes,
Marcos Brito).

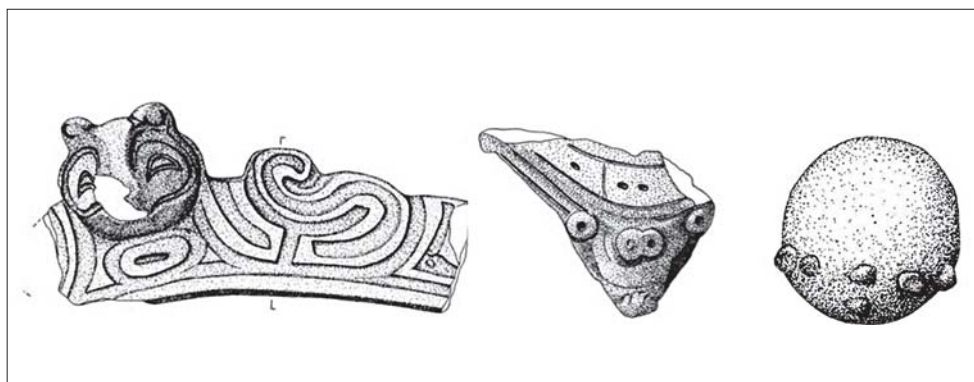
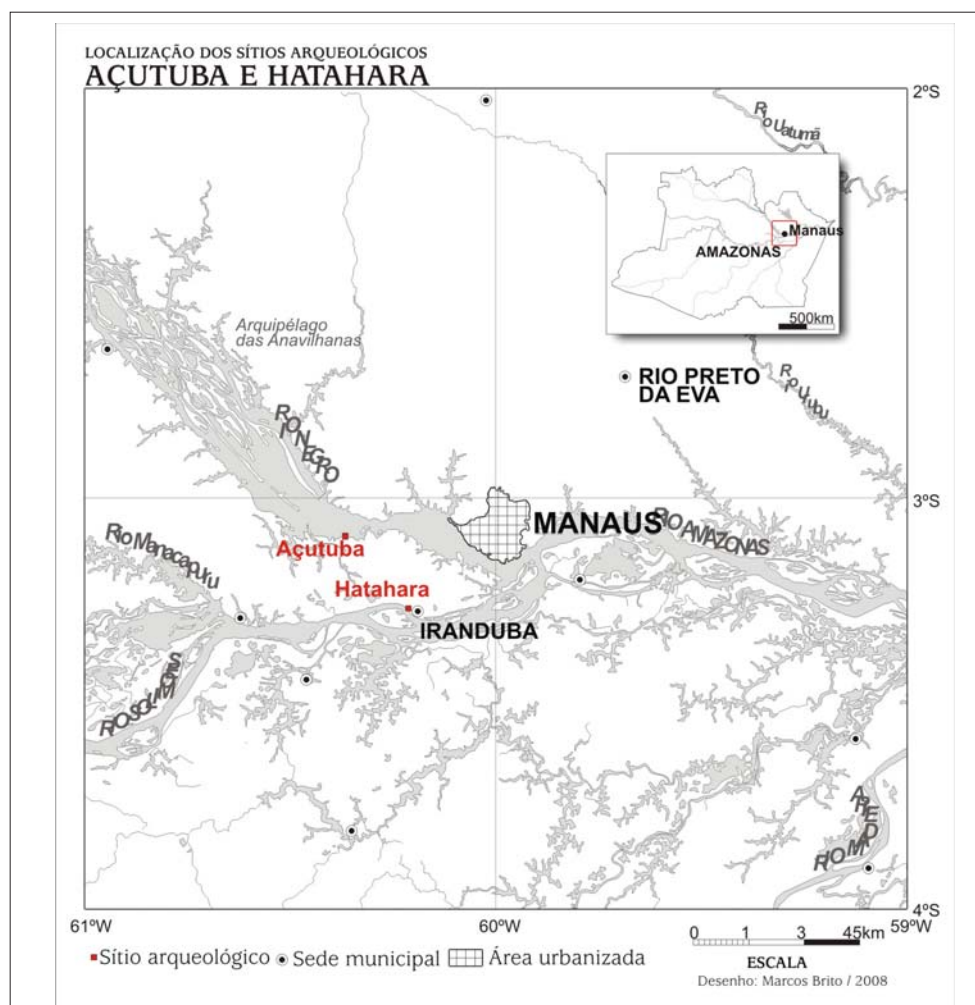


Figura 2.
Mapa com a
localização da área
de pesquisa do
Projeto Amazônia
central, com os
sítios abordados no
artigo (Mapa:
Marcos Brito).



relacionada à materialidade da Tradição Borda Incisa. Os sítios selecionados para ilustrar tal *história* serão apresentados a seguir, em toda a sua peculiaridade e potencialidade dentro da área de pesquisa (figura 2). Os trabalhos levados a cabo nestes locais seguiram a metodologia do PAC, adotada com sucesso na região nos últimos quinze anos. As análises dos artefatos foram conduzidas pela autora, de acordo com métodos desenvolvidos durante a tese de doutorado (LIMA, 2008).

Sítio Açutuba (AM-IR-02)

O chamado complexo Açutuba é um sítio arqueológico que se estende por aproximadamente 3 km ao longo da margem direita do baixo rio Negro, cerca de 40 km a montante de sua foz, ocupando o topo e a vertente de um terraço não muito elevado (figura 3). Suas dimensões estimadas são 3000x400m e sua profundidade chega a mais de 250 cm. O sítio foi dividido em três setores denominados I, II e III, de acordo com suas características geomorfológicas. Identificado em 1994 este é um dos sítios mais intensamente trabalhados pelo PAC com etapas de escavações em 1995, 1997, 1999, 2002 e 2004. As escavações permitiram a identificação de contextos arqueológicos intactos, bem como o estabelecimento de uma hipótese sobre sua cronologia de ocupação (HECKENBERGER *et al.*, 1998, 1999; LIMA *et al.*, 2006).

Açutuba é um sítio chave em toda a área de pesquisa do PAC devido, em parte, às suas grandes dimensões (cerca de 90 hectares de área), e por ser multicomponencial, com uma seqüência de depósitos que indica a ocorrência de pelo menos quatro ocupações. De fato, a seqüência cronoestratigráfica do sítio Açutuba fornece o parâmetro para a cronologia regional (LIMA, 2008).



Figura 3.
Vista aérea do sítio
Açutuba, no
período da cheia
do rio Negro. (Foto:
Eduardo Neves,
1999).

As evidências seguras da ocupação mais antiga do sítio, recentemente identificadas, apresentam contextos associados à fase Açutuba, datados em torno de 300 a.C. até o século IV d.C (LIMA *et al.*, 2006). Também relacionadas à Tradição Borda Incisa, as cerâmicas da fase Manacapuru se encontram dispersas pelos setores I e II do sítio, e estão datadas entre os séculos VI e IX d.C. No setor I, detectou-se a presença de um complexo funerário associado à fase Paredão e, em 2002, uma série de urnas funerárias foi exposta pelo corte do barranco da estrada que atravessa a parte leste do sítio, indicando tratar-se, possivelmente, de um cemitério. A ocupação mais recente do sítio tem datas entre os séculos IX e XVI d.C, com fragmentos cerâmicos dispersos por uma ampla área associados à fase Guarita da Tradição Policroma Amazônica. A essa ocupação se associam depósitos sedimentares de TPI, com espessuras que superam 1m, indicando intensas atividades antrópicas. As datações e a análise dos vestígios em superfície indicam que neste período o sítio foi densamente povoado (HECKENBERGER *et al.*, 1998,1999).

A distribuição horizontal e vertical de vestígios arqueológicos, associados a diferentes ocupações, indica tratar-se de uma sobreposição de componentes arqueológicos de tamanhos e densidades bem distintos. Isso se dá quando um mesmo local é reocupado diversas vezes, eventualmente com lacunas temporais entre cada ocupação. Esta observação foi feita por Meggers em outros sítios arqueológicos da Amazônia (MEGERS, 1971). Sua argumentação é que tais sobreposições causaram uma falsa percepção, por parte dos arqueólogos, sobre o tamanho dos sítios. Embora correta para as ocupações mais antigas do sítio, a ocupação mais recente, da fase Guarita, se espalha por quase toda a superfície do sítio e parece tratar-se de um único evento. A presença de montículos e valas correlaciona Açutuba a outros sítios das fases Guarita e Paredão, confirmando o padrão de grandes aldeias dispostas ao longo das margens dos rios, conforme proposto no modelo de Lathrap (1970a).

O interesse específico no estudo deste sítio arqueológico visou compreender melhor a ancestralidade e o contexto de deposição das ocupações mais antigas do sítio, associadas às fases Açutuba e Manacapuru, cujas coleções cerâmicas e dados contextuais relacionados foram utilizados como parâmetro comparativo para os demais sítios, e para o estabelecimento de tipologias. Este material resultou de diferentes tipos de intervenções arqueológicas, realizadas em diversas áreas do sítio (HECKENBERGER *et al.* 1998, 1999).

A partir das etapas de campo realizadas no sítio Açutuba, foi possível obter vinte e cinco datações radiocarbônicas provenientes de diferentes áreas, profundidades e contextos que permitiram a formulação de uma hipótese mais consistente sobre a história de sua ocupação. Como a tabela abaixo e o mapa topográfico do sítio demonstram, Açutuba tem uma longa seqüência cronológica, tendo sido ocupado com intervalos desde 1100 a.C. até 1380 d.C., ou seja, a extensa área de três quilômetros da margem do rio Negro, onde se localiza Açutuba, foi ocupada em tempos pré-coloniais durante mais de dois mil anos.

Como dito, a questão que guiou a abordagem desta pesquisa sobre o sítio focou-se em seus estratos mais antigos, que refletem o estabelecimento de aldeias, provavelmente com tamanho reduzido e que não tiveram como efeito alterações permanentes perceptíveis na paisagem. Há, em Açutuba, pelo menos duas áreas que sugerem tratar-se de ocupações distintas, tão antigas quanto a cronologia estabelecida para a fase de mesmo nome, ou seja, em torno do *anno domini*.

Vale lembrar que, neste sítio, tais ocupações possuem depósitos sedimentares profundos, por vezes enterrados a mais de um metro e meio de profundidade. Por esta razão, embora exploradas de forma intensa essas áreas não puderam ser delimitadas com precisão e inferências sobre padrões de assentamento, por exemplo, ficaram comprometidas.

A primeira delas englobaria o setor II (ver mapa) e foi, inclusive, a partir dos dados obtidos para esta área do sítio trabalhada em maior detalhe que se definiu a fase Açutuba, contemplando as características tecnológicas das cerâmicas, sua configuração espacial e os elementos contextuais a elas relacionados (LIMA *et al.*, 2006). Também a partir desta área estabeleceu-se seu alcance cronológico e sua duração, de 290 a.C., chegando até 505 d.C. numa seqüência aparentemente ininterrupta. Há, também, para esta área do sítio uma datação mais recente de aproximadamente 950 d.C. Esta data é mais tardia do que as expectativas para a fase Açutuba, assim como não corresponde à hipótese de tratar-se, neste contexto específico, de uma mesma ocupação contínua. Ela foi obtida através de uma amostra de carvão coletada no interior de uma feição, e trata-se de uma matriz sedimentar bastante perturbada, de modo que o carvão datado pode ter percolado de níveis mais superficiais.

Por se tratar de uma área do sítio de difícil associação cultural dos carvões datados, selecionou-se, também para a datação, um fragmento de cerâmica com alta incidência de tempero orgânico em sua pasta (cariapé). A antiguidade da data obtida não surpreendeu. Mais antiga do que as datações radiocarbônicas até então obtidas para Açutuba, a data de 590 a. C. situaria um parco conjunto, composto por cerâmicas com uma decoração peculiar, temperadas não apenas com caixi, mas também com cariapé, na tradição Hachurada Zonada da cronologia de Meggers e Evans (1961). Estas representariam as ocupações mais antigas de toda a área de pesquisa do PAC. No entanto, a já citada ausência de informações contextuais, nos levaram a adotar uma postura ainda conservadora, ao aguardar dados mais precisos para uma caracterização segura do conjunto em questão. A associação de tais materiais a um conjunto bem definido da fase Açutuba também não é clara, e demandará trabalhos posteriores.

Já o setor I do sítio (ver mapa) apresentou uma seqüência de seis datações radiocarbônicas, com uma variação cronológica entre 1.110 a.C. e 785 d.C. (HECKENBERGER *et al.* 1998:361). Uma dessas datas, que forneceu uma antigüidade de 5.740 a.C., foi descartada por não representar uma ocupação ceramista compatível ao contexto datado. Ainda assim, a data de 1.110 a.C., obtida para o nível 60-70 cm, corresponde às ocupações mais antigas e profundas identificadas

no segundo setor. O restante da seqüência foi vinculado às ocupações da fase Manacapuru, que trazem em si elementos que evidenciam um uso mais intensivo dos recursos, resultando, por exemplo, na formação das Terras Pretas de Índio.

Pode-se deduzir que o final da ocupação de uma hipotética aldeia associada à fase Açutuba, ocorrido por volta de 200 d.C., foi seguido por um período de abandono. O depósito cultural é profundo e coberto por uma espessa camada arqueologicamente estéril, com uma profundidade superior a 1 m em alguns locais. O processo de deposição desta camada, que sugere ser eólico, indica ainda, que durante o período de abandono a cobertura vegetal também não era densa. O sítio só voltaria a ser habitado de maneira intensa quase quinhentos anos mais tarde quando já se verifica a constituição das TPI, associada às ocupações da fase Manacapuru.

Ainda no setor I, em outra escavação, foram obtidas duas datações de 230 d.C. no nível mais profundo (70-80 cm) e 1025 d.C no nível 30-40 cm, ambas associadas a um material cerâmico descrito como pertencentes à tradição Borda Incisa / Incisa e Modelada (*idem*:262). Essas datas correspondem, segundo a hipótese ora proposta, às fases Açutuba e Manacapuru. No entanto, a ocorrência de cerâmicas da fase Manacapuru, sempre em sub-superfície e associadas às TPIs, aparecem espalhadas numa área muito mais ampla do sítio arqueológico do que as restritas áreas de ocupação Açutuba. A associação cronológica entre as diferentes áreas parece comprovar a hipótese de tratar-se de assentamentos maiores e as próprias TPIs indicam serem estes mais estáveis.

Além das já mencionadas cerâmicas Açutuba e Manacapuru identificou-se, em 2002, uma série de urnas funerárias no setor I do sítio. Essas urnas, relacionadas à fase Paredão, foram expostas pelo corte do barranco de uma estrada que atravessa a parte Leste do sítio, e indicam tratar-se, possivelmente, de um cemitério relacionado a eventos mais recentes de ocupação do sítio. Contextos semelhantes a esses, com grande concentração de materiais funerários, são muito comuns na região de Manaus e adjacências, quase sempre datadas a partir do século IX d.C. Em Açutuba, as datações obtidas para materiais Paredão são provenientes de outra área. Isso porque, também relacionados às ocupações Paredão no sítio, encontram-se os montículos artificiais. Um deles foi escavado e forneceu uma seqüência de datações entre 950 e 1375 d.C. As datas mais recentes, no entanto, parecem relacionadas a um evento de re-ocupação do próprio montículo.

Assim, embora as urnas não tenham sido diretamente datadas através do carbono 14, pode-se atribuir contemporaneidade entre elas e as ocupações que construíram os montículos. De fato, já é possível esboçar o uso de dados espaciais para deduções acerca da própria organização social desses primeiros grupos construtores de montículos e de cemitérios. Uma extensa área do sítio arqueológico deu lugar a uma ocupação dos povos produtores da cerâmica chamada de Paredão, cujos espaços tinham usos específicos.

O material cerâmico coletado em diferentes áreas do sítio foi analisado e demonstrou haver uma coerência tecnológica – com mudanças aparentemente lentas e graduais ao longo do tempo – entre os conjuntos da Tradição Borda Incisa. A variação de antiplásticos é pequena: todas se caracterizam pelo uso preponderante do cauxi. A diferença mais marcante está na presença do cariapé como tempero principal nos fragmentos da fase Açutuba. Tanto a variabilidade formal quanto a complexidade dos contornos apresentam sensíveis alterações ao longo do tempo. A começar pelas cerâmicas da fase Açutuba, onde se vê uma profusão de formas, diminuindo em relação à fase Manacapuru e reduzindo ainda mais na fase Paredão – respectivamente, dezesseis, treze e oito tipos identificados nos materiais trabalhados. A essa redução da variabilidade, soma-se um aumento da quantidade de materiais e, principalmente, uma crescente padronização das formas. O rebuscamento formal e decorativo visto nos conjuntos mais antigos dá lugar a certa sobriedade das cerâmicas Paredão.

Ainda assim, a plasticidade é a característica mais marcante dessas cerâmicas. A modificação formal das bordas para a obtenção de flanges, gargalos e pescoços, pode ser considerada como um elemento decorativo, uma vez que a intenção é não só criar um suporte visível para a aplicação da decoração, mas que a forma do vaso adquira um aspecto decorativo. As incisões de todos os tipos, finas, largas, simples, duplas ou múltiplas são os elementos decorativos mais recorrentes nestas cerâmicas. Outras técnicas também são utilizadas, como o ponteadado, geralmente aplicados nos lábios e nos apêndices da fase Manacapuru e Paredão. Há também nestas duas fases o uso do ungulado aplicado na extremidade dos lábios, assim como ocorre com as decorações ponteadas e digitadas. Esta última é quase ausente na fase Açutuba.

No que se refere à decoração plástica, as fases Açutuba e Manacapuru apresentam alguns pontos em comum, como as incisões e a modelagem. Estas duas técnicas aparecem na cerâmica Paredão, tendo as incisões uma proporção muito maior que a modelagem. No entanto, outras técnicas marcam sensivelmente as diferenças entre estes três conjuntos. Os materiais das fases Paredão e Manacapuru priorizam a decoração incisa simples ou dupla, respectivamente, sempre em linhas finas, formando motivos geométricos. O ponteadado profundo é também muito utilizado nos dois conjuntos. Já nas cerâmicas da fase Açutuba verifica-se maior ênfase à modelagem, ao acanalado e a excisão, enquanto as incisões priorizam motivos curvilíneos e espiralados, do mesmo modo como a cerâmica Paredão. Quanto aos apliques, os motivos zoomórficos são muito comuns nas fases Açutuba e Manacapuru, e também ocorrem na fase Paredão. No entanto, nesta última aparece outra categoria de apliques, em formas antropomórficas, as famosas “cabecinhas”, aplicadas nos ombros das urnas. Há ainda a presença de decorações crômicas nos conjuntos, sendo a policromia (vermelho e preto sobre branco) característica da cerâmica Açutuba, além do engobo vermelho em todos os conjuntos.

No sítio arqueológico encontra-se ainda um último componente, mais recente e superficial, com cerâmicas tecnologicamente díspares da Tradição Borda Incisa. Interpreta-se estes

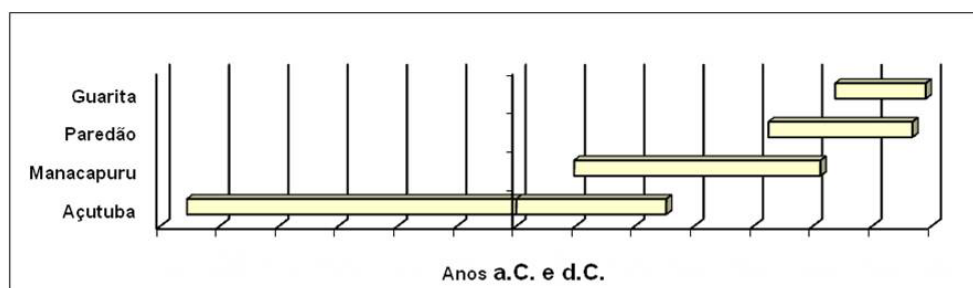
mesmos espaços, em Açutuba, como tendo sido re-ocupados, com outras significações e funcionalidades, ao redor dos séculos XII e XIV, associado à fase Guarita da tradição Polícroma da Amazônia. Supõe-se que essas ocupações mais recentes tenham tido uma duração restrita aos séculos XII e XIV.

Em termos de cronologia, no entanto, o quadro não é tão claro como a exposição acima deixa parecer. Em verdade, como o gráfico abaixo demonstra, há muitas interpolações cronológicas entre diferentes ocupações, o que dificulta em muito a definição de padrões espaciais em bases temporais. Devemos deixar claro que a associação entre amostras datadas e filiação cultural, representadas no gráfico, são interpretações de dados, e deverão ser refinadas na medida em que novos elementos sejam acrescentados à base empírica de Açutuba, bem como ao viés interpretativo referente a ela. Deste modo, a maior duração das ocupações Açutuba representada no gráfico reflete uma maior quantidade de dados, e não uma realidade pretérita.

As datações obtidas para o sítio corresponderam às expectativas, aumentando ainda mais a importância de Açutuba enquanto sítio-guia para a compreensão da cronologia da Amazônia Central. A correlação com datas de outros sítios arqueológicos da região indica interessantes padrões, e dão luz, de fato, ao reconhecimento da história local, regional, mesmo a outros complexos do norte da América do Sul.

A quantidade e intensidade de intervenções arqueológicas realizadas no sítio Açutuba forneceu uma série informações. Em primeiro lugar, ficou demonstrada a maior antiguidade de ocupação do sítio – relacionada às ocupações da fase Açutuba – que representa o início da ocupação de grupos ceramistas na região. Verificou-se, também, que a correlação entre cerâmicas da fase Manacapuru com a terra preta se confirmou, representando as primeiras ocupações efetivamente associadas às TPI, marco cronológico e cultural na Amazônia central. As ocupações Paredão e Guarita, por outro lado, apresentaram uma série de questões relevantes acerca de sua configuração espacial que deverão ser tratadas com maior cautela em trabalhos futuros. Como se pode ver, Açutuba permanece suscitando mais e mais questões, que se apresentam cada vez com maior intensidade para que pensemos a cronologia da Amazônia central.

Figura 4.
Gráfico mostrando a variação cronológica das fases cerâmicas encontradas no sítio Açutuba (fonte: LIMA, 2008).



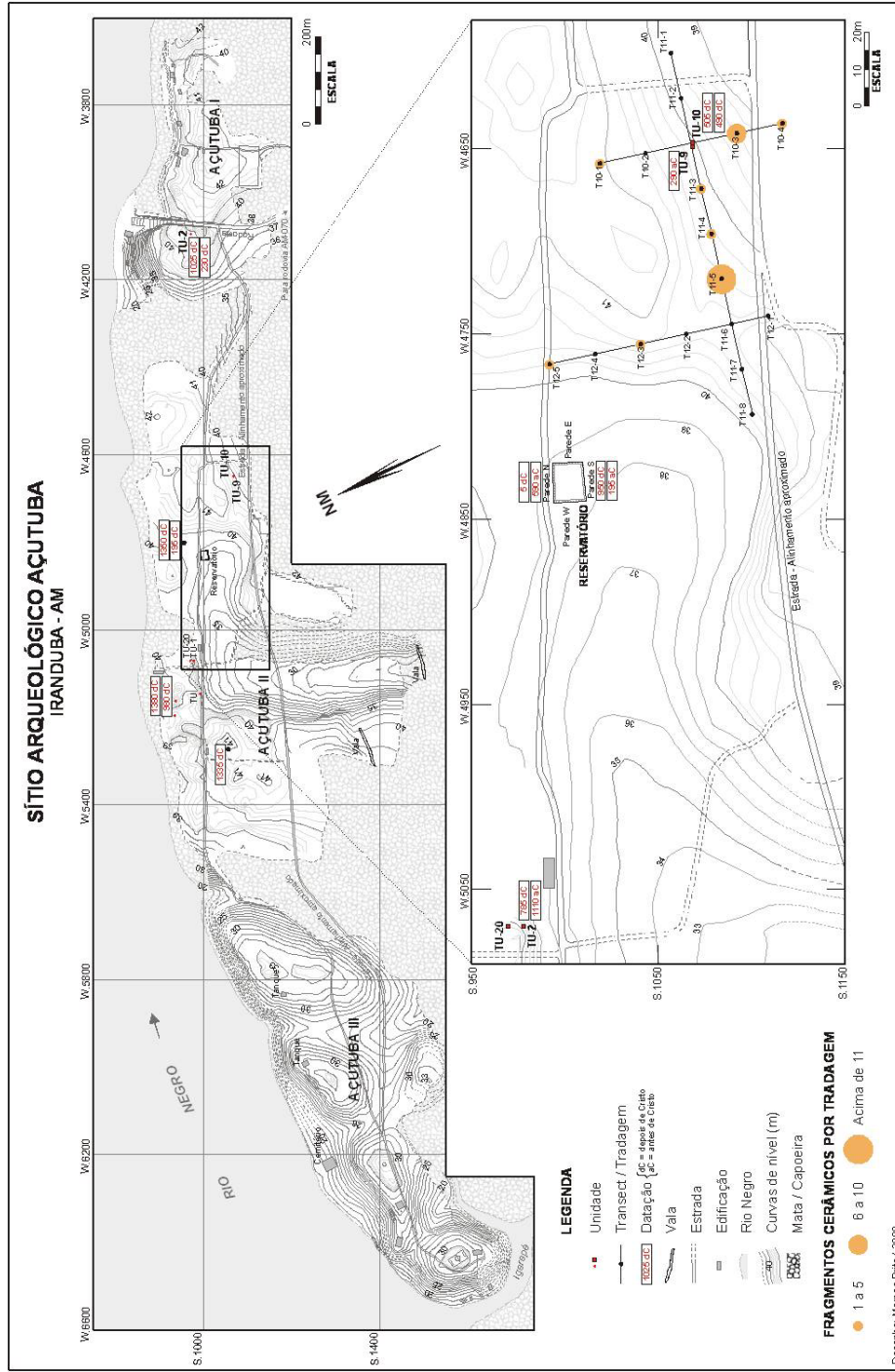


Figura 5. Planta topográfica do sítio Açutuba, com as intervenções realizadas, densidades de fragmentos e datações radiocarbônicas.

O sítio Hatahara (AM-IR-13)

O sítio Hatahara está implantado sobre um alto terraço com vertente abrupta e topo aplainado, na margem esquerda do rio Solimões, adjacente a uma várzea pouco extensa. Localiza-se em uma área urbanizada na sede do município de Iranduba, a uma distância de 24,5 km de Manaus em linha reta.

Identificado em 1997, este sítio arqueológico vem sendo escavado com frequência desde 1999, com um total de seis etapas de campo, cada uma com duração variando entre um e dois meses. A última etapa, realizada no ano de 2008, contou com a presença de mais de cinquenta pessoas entre estudantes, pesquisadores e colaboradores de diversos locais do Brasil e do exterior. Tãmanha estrutura possibilitou concentrar muitos esforços no sítio, totalizando 41,6 m² de intervenções no sítio, através, inclusive, de escavações em superfícies amplas, que possibilitaram um melhor entendimento da espacialidade das diferentes ocupações intra-sítio.

Suas dimensões aproximadas são de 400x400 m e, assim como grande parte dos sítios arqueológicos localizados na área de confluência dos rios Negro e Solimões, o Hatahara é multicomponencial e apresenta em sua seqüência estratigráfica os quatro conjuntos conhecidos na Amazônia central: Açutuba, Manacapuru, Paredão e Guarita.



Figura 6. Vista aérea do sítio Hatahara, no período da cheia do rio Solimões. (Foto: Eduardo Neves).

A característica mais marcante deste sítio arqueológico é a presença de uma série de montículos com formas e tamanhos variados, dispostos de forma semicircular com centro voltado para o rio. Estes montículos aparentam ter funções distintas, incluindo funerária e habitacional (MACHADO, 2005: 117; MORAES, 2007:167). Assim como em diversos outros sítios da Amazônia central, a construção de montículos artificiais é um traço cultural associado às ocupações relacionadas à fase Paredão, que marca o momento em que a região foi mais densamente povoada. Já associadas à ocupação mais recente do sítio, as cerâmicas da fase Guarita afloram na superfície do terreno ou encontram-se numa profundidade de 20 ou 30 cm.

A análise do material considerado neste estudo, relacionado às ocupações Açutuba e Manacapuru, visava entender as relações contextuais entre essas duas fases cerâmicas. Para tanto, selecionou-se duas áreas diferentes dentro do sítio. Uma delas é o Montículo 1 (M1), que é relativamente bem conhecido através de escavações em trincheira e superfície ampla. Um total de 25,35 m² foi escavado neste montículo, que tem uma área aproximada de 1730 m². A partir de tantos esforços, apreendeu-se a seqüência estratigráfica desse contexto, que é assim composta: a) Camada I - latossolo amarelo estéril; b) Camada II - estrato de ocupação da fase Açutuba, considerado nas análises cerâmicas; c) Camada III – ocupação Manacapuru, com várias intrusões, seja por feições mais recentes, ou por percolações de cerâmicas Paredão; d) Camada IV - estrato do montículo, com cerâmicas majoritariamente Paredão, mas com refugos secundários dos demais conjuntos; e e) Camada V - superfície apresentando cerâmicas Paredão e Guarita, perturbada por atividades agrícolas recentes.

Interessam-nos em M1 apenas os contextos associados a camada II. Isto porque, além de irem ao encontro de questões suscitadas pelo registro arqueológico neste sítio, os materiais provenientes das demais camadas apresentam estratigrafias complicadas, geralmente invertidas, que impossibilitam um estudo cronológico tal como o proposto pela pesquisa, e demandam tratamentos e questões específicos. Portanto, a partir de uma preocupação contextual-estratigráfica, trabalhou-se com materiais anteriores à formação do montículo, bem como de outras áreas não monticulares.

O resultado das análises cerâmicas indicou tratar-se de um componente associado à fase Açutuba, colaborando para a definição e caracterização dessa fase. É interessante notar que, diferente do sítio Açutuba, a matriz do sítio Hatahara é argilosa, sendo que a ocupação da fase Açutuba está depositada no latossolo.

A segunda área de interesse para este estudo é limítrofe do sítio arqueológico (ver mapa), onde ocorrem materiais associados à tradição Borda Incisa: Açutuba, Manacapuru e Paredão. A primeira intervenção neste local ocorreu em 2002, quando foram exumados dois vasos inteiros, associados à fase Manacapuru, numa unidade de escavação com 1x1,5 m. Além destes, outros dois vasos semelhantes aos primeiros ficaram expostos nas paredes da unidade. Também muito próximo deste agrupamento de vasilhas evidenciou-se uma enorme concentração de cerâmicas, estruturadas entre si, e que pareciam estar relacionadas à fase

Açutuba. Esta concentração sugeria ser anterior ao evento de deposição dos vasos, uma vez que se encontra cortada por um deles. Tal configuração, disposta numa área tão reduzida motivou o retorno a ela em 2006, para uma abordagem através de escavação em superfície ampla, com 12,5 m².

Durante a escavação foram encontradas nove vasilhas inteiras, em contextos Manacapuru e Açutuba, além de uma série de estruturas e feições em contextos bastante intactos. Também a seqüência crono-estratigráfica pôde ser entendida com maior acuidade.

Da superfície para a base, foi observado que até os 40 cm ocorrem cerâmicas Paredão em alta densidade, numa matriz de terra preta muito escura. A partir desta profundidade, materiais Manacapuru co-ocorrem com cerâmicas Paredão, cuja proporção diminui de acordo com a profundidade, bem como a coloração da terra preta se torna mais clara com tendência a tonalidades marrons. Já em 70 cm, atinge-se o nível de ocupação Manacapuru com solo e cerâmicas muito compactados, onde começam a aparecer os recipientes inteiros. A partir deste ponto, tem início o nível de ocupação relacionado à fase Açutuba, que também é interceptado por uma série de feições e pela própria deposição dos vasos Manacapuru. Na base do nível de 100 cm, abaixo do estrato Manacapuru, a densidade de cerâmicas e feições relacionadas à fase Açutuba aumenta de maneira expressiva. Podem indicar que foram depositadas com uma estruturação intencional ou que são, de fato, representativas da densidade e distribuição da fase Açutuba. Este estrato apresenta uma matriz com solo mesclado entre terra preta e latossolo amarelo. Nesse caso, a terra preta pode ter percolado dos níveis superiores.

Foi registrado, também relacionado à ocupação mais antiga do sítio, um recipiente inteiro cujas características e contexto o vinculam à fase Açutuba. Ele se encontrava, aparentemente, *in situ* e apresentou características peculiares, com pescoço, borda extrovertida, contorno complexo e decoração pintada (engobo branco). À exceção do mencionado recipiente, as demais vasilhas exumadas estão relacionadas à ocupação Manacapuru, e são morfológicamente semelhantes. A maior parte apresentou formas globulares, com borda infletida (ou carenada), engobo vermelho e tampa com decoração incisa na face externa.

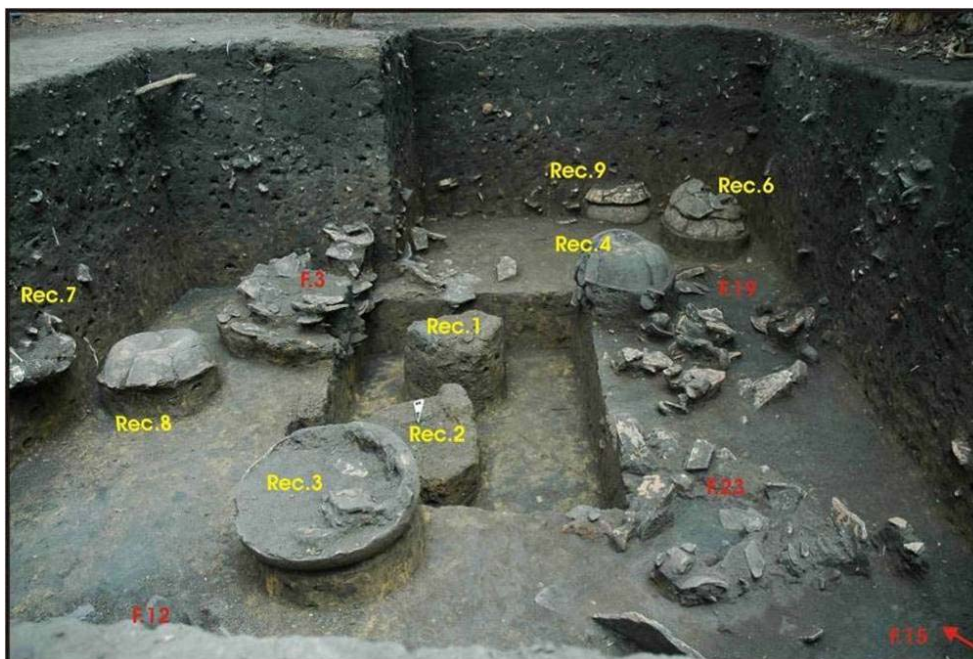
Nesta área do sítio, além do vasilhame exumado, foram registradas também oito feições. Nem sempre os limites entre uma feição, ou seja, um agrupamento de vestígios estruturados, e uma concentração ou piso de ocupação são muito claros. Das feições identificadas com precisão, aquelas com características Paredão tornaram-se visíveis a partir de aproximadamente 40 cm. Uma delas mostrou-se bastante densa, com as cerâmicas depositadas, em sua maioria, na posição vertical. Outras três que foram observadas nos perfis parecem estar relacionadas à ocupação mais recente da área. Presume-se que sejam marcas de buracos de esteio, que se projetaram em grande profundidade sobre os estratos mais antigos. A própria deposição das vasilhas Manacapuru, que também interceptam um nível de ocupação anterior, constituem-se como feições e foram tratadas como tal. Por fim, das quatro

feições vinculadas à fase Açutuba, apenas as duas primeiras eram agrupamentos claramente estruturados. Uma delas, inclusive, mostrou-se composta por camadas intercaladas de cerâmica, dispostas num arranjo de forma circular e concêntricas, sugerindo eventos de deposição distintos, cujo espaço de tempo entre elas ainda não são conhecidos. Já outras, mesmo depois das análises, deixaram dúvidas se eram de fato feições ou uma concentração característica de um piso de ocupação perturbado pelas ocupações posteriores no sítio arqueológico.

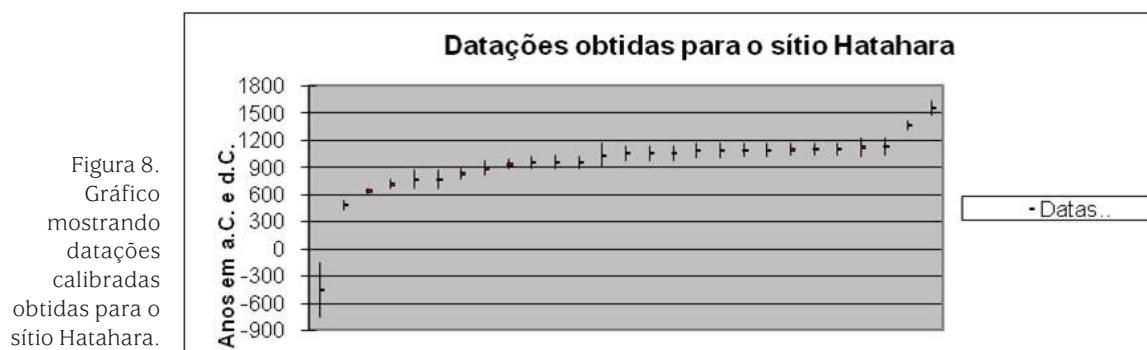
A disposição espacial das vasilhas sugere um padrão linear: elas parecem ter sido depositadas em duas linhas, no sentido leste-oeste. Outro aspecto importante desta área do sítio é apresentado na figura 7, que mostra a escavação em aproximadamente 1 metro de profundidade, onde se observa um padrão interessante de distribuição dos materiais. Na mesma profundidade encontrou-se um piso de ocupação Açutuba interceptado pela deposição de recipientes Manacapuru e pelas feições Paredão. Ou seja, ocorrem, num mesmo plano horizontal, pelo menos três componentes cronologicamente distintos, o que dificulta as interpretações com base em dados apenas estratigráficos.

Com um total de trinta e uma amostras datadas, Hatahara mostrou ter uma seqüência cronológica tão longa quanto o Açutuba, embora mais recente em poucos séculos, tanto em seu início quanto no fim de sua ocupação. Tanta quantidade de datações radiocarbônicas obtidas torna este sítio o mais bem datado do Projeto Amazônia Central. No entanto, a

Figura 7.
Escavação em superfície ampla realizada em Hatahara, onde se evidenciaram uma série de vasilhas inteiras relacionadas às fases Manacapuru e Açutuba, além de feições com forma e tamanho variáveis, das fases Paredão, Manacapuru e Açutuba. (Foto: Val Moraes, 2006).



interpretação das relações entre datas e filiação cultural, neste caso, se coloca como um desafio ainda maior, por ter sido predominantemente datado através de montículos, onde a própria configuração inverte a estratigrafia, alterando eventuais registros anteriores à sua formação. Uma correlação hipotética foi tentada, mas, esta deverá ser alterada na medida em que surgirem novos dados para este sítio arqueológico.



No momento, ao contrário do que se imaginava quando foram iniciadas as atividades em 1997 e 1999, tem-se a ocupação mais recente do sítio associada à fase Guarita como um evento passageiro, datado entre os séculos XI e XIII d.C., portanto posterior à construção dos montículos e a um possível pico demográfico. Além disso, o padrão de dispersão dessas cerâmicas, sempre superficiais, concentra-se nas áreas adjacentes ao limite do terraço, ao longo do eixo do Solimões. Em uma análise comparativa entre as características físico-químicas do solo e a dispersão dos vestígios cerâmicos no sítio, Rebellato indicou tratar-se este último período de ocupação de Hatahara, de um assentamento de forma linear, onde as casas estariam dispostas em linha e voltadas para o rio (2007: 178-179). Tais evidências vão ao encontro dos relatos dos cronistas que por ali passaram à época da conquista.

No entanto, ao que tudo indica, a configuração espacial do Hatahara era bem diferente nas ocupações anteriores à fase Guarita. Neste caso, os materiais relacionados à fase Paredão ocupam maior destaque, sendo os mais representativos na estratigrafia do sítio como um todo, e relacionados diretamente com suas feições paisagísticas mais marcantes: os montículos artificiais. A disposição espacial dos montículos, que se supõe serem contemporâneos, sugere tratar-se de um aldeamento circular, como já visto em análises de outros sítios dentro da área de pesquisa, sempre associados à ocupações Paredão (MORAES, 2007:179).

As datações obtidas para ambos evidenciaram também a ocorrência de pelo menos dois períodos bem definidos e distintos de ocupação. Um deles está relacionado de forma direta aos montículos com cerâmicas Paredão e possui uma variação cronológica em torno dos

séculos IX ao XI d.C. Este seria, por suposição, o período em que o sítio foi mais densamente ocupado. O outro evento de ocupação, mais antigo e, portanto, anterior à formação do montículo, apresenta uma seqüência que parece desvinculada do mesmo com materiais relacionados à fase Açutuba, o que é corroborado pelas datas (Figura 8). Neste sítio, uma inferência de uso de espaço se torna mais complicada para ocupações ligadas às cerâmicas Manacapuru e Açutuba, pois elas se encontram em depósitos sedimentares mais profundos. Apesar disso, tamanha concentração de vasilhas Manacapuru inteiras ainda não era conhecida em nenhum sítio da região. Também não havia notícias de uma alta concentração de materiais, que aparentavam ser depositados intencionalmente, tão antigos quanto a fase Açutuba, como se viu na escavação das unidades no limite Oeste do sítio.

A importância deste sítio para a construção de uma cronologia sólida calcada em outros elementos que não apenas crono-estratigráficos mostra-se cada vez mais clara. De fato, o Hatahara é um ótimo caso onde se vê a conjugação de pesquisas multidisciplinares voltadas para o entendimento de vários aspectos de um mesmo sítio arqueológico (por exemplo: ARROYO-KALIN, 2008; LIMA, 2008; MACHADO, 2005; PY-DANIEL, 2009; REBELATTO, 2007; TAMANAHA, 2006)

A longa duração na história da Amazônia Central

Dentro dos parâmetros e limites impostos pela própria natureza dos dados, este artigo pretendeu apresentar uma abordagem que fugisse do plano tipológico-classificatório e adentrasse a esfera contextual do material arqueológico tratado, que se acredita abranger uma *história cultural de longa duração*. Em alguma medida, esta proposta interpretativa tangencia o pensamento do historiador francês Fernand Braudel, que argumentou acerca da existência de *estrutura* em uma dada esfera cultural e que remete à sua história de longa duração – *le longue durée* (BRAUDEL, 1958:731). Estrutura que, no caso presente, remete aos elementos contextuais ligados à Tradição Borda Incisa / Barrancóide, como se verá adiante.

Lidando com uma escala temporal de mais de um milênio e uma dispersão geográfica de dimensões amazônicas, as inferências ficaram cingidas à representatividade da variabilidade dos padrões identificados e das relações entre eles. Assim sendo, dentro do viés empreendido, não caberiam interpretações de caráter tão generalizante quanto a ocupação da Amazônia como um todo, tampouco atingir um nível de detalhamento que permitisse aludir a uma análise em nível etnográfico.

Como diferencial às abordagens anteriores, na perspectiva aqui adotada procurou-se observar no registro arqueológico da Amazônia central elementos de diferentes naturezas associados à Tradição Borda Incisa. São estes os elementos estruturais explorados em minha pesquisa e que compõem, em conjunto, uma análise alternativa àquelas anteriormente propostas, dos

significados dessa tradição. De fato, na arqueologia da Amazônia central, quanto mais se amplia a base empírica mais evidente fica a interpolação cronológica entre as diferentes fases cerâmicas ali encontradas, o que me impulsionou para além de uma abordagem puramente tipológica. Um exemplo disso é o questionamento sobre os mecanismos estabelecidos para gerir as relações que se dão em diferentes esferas da vida social, entre grupos culturais – distintos ou não.

Assim, as questões suscitadas têm cunho essencialmente cronológico e tratam de uma história cultural de longa duração que demandam abordagens que permitam uma completa revisão das Fases e Tradições estabelecidas para a região com foco na identificação das relações entre elas e, principalmente, na identificação dos elementos contextuais inerentes a cada uma delas.

Longe de ser incipiente, esta linha interpretativa tem uma tradição centenária na arqueologia (CHILDE, 1946; WILLEY ;PHILLIPS,1958) e, ao mesmo tempo, tem se mostrado extremamente atual e efetiva em pesquisas recentes que tratam de problemas amplos como, por exemplo, as origens e a dispersão da agricultura (BELLWOOD, 2001, 2005). Esta abordagem se mostrou útil também para o problema da pesquisa ora estudado, na composição de um quadro mais abrangente e preciso da história cultural regional. O escopo temporal da proposta analítica é tão abrangente quanto a temporalidade inerente à Tradição Borda Incisa na Amazônia central, que dá conta de uma história cultural de mais de um milênio. A abordagem se deu através de uma conjugação de diferentes aspectos associados à tradição Borda Incisa, propondo um quadro hipotético com os seguintes padrões associados: 1) a tecnologia cerâmica – ligada à Tradição Borda Incisa / Barrancóide; 2) a forma das aldeias – circulares e seu uso do espaço; 4) a filiação cultural/lingüística – ao tronco Arawak. O escopo geral e os objetivos da pesquisa se pautaram no teste da validade de tais associações.

Padronizações materiais e contextuais encontradas nos conjuntos associados às fases Açutuba, Manacapuru e Paredão – representações da Tradição Borda Incisa nos sítios Açutuba e Hatahara – foram interpretadas enquanto indicativas de uma *continuidade* cultural perspectivada a partir de sua inserção em um largo quadro social, econômico e político. Dessa forma, o *continuum* proposto para a área de confluência dos rios Negro e Solimões é apenas *parte* de um mosaico cultural integrado a partir de um suposto sistema de relações mais amplo (LIMA, 2008).

Pesquisas etnoarqueológicas voltadas para a construção da história indígena têm demonstrado que em muitos casos tais sistemas têm uma origem pré-colonial, e que podem durar, por vezes, muitas centenas de anos (NEVES, 1998; HECKENBERGER, 2001). Exemplos como estes, em regiões amazônicas como o alto Rio Negro e alto Xingu, apontam para a necessidade de uma avaliação arqueológica com base em dados lingüísticos e históricos na identificação da natureza de tais sistemas.

Para a arqueologia da Amazônia central, trabalhar com a idéia de sistemas sociais com matrizes regionais amplas – as redes ou esferas de interações (BOOMERT, 2000) – foi uma alternativa epistemológica aos paradigmas dos modelos tradicionais de ocupação da Amazônia.

Muitos dos elementos propostos para entender o registro arqueológico encontrado na Amazônia central são condizentes com características usualmente vinculadas às esferas de interações, tais como descritas em regiões como o Baixo Orinoco, Alto rios Negro e Xingu ;(HECKENBERGER, 2005). A hierarquia social pode ser inferida através da divisão de trabalho necessária para a realização de construções, que ocorrem em eventos relativamente rápidos, porém imprimem modificações significativas na paisagem, tais como os montículos funerários e as valas defensivas (DONATTI, 2003:42, 59-60; MACHADO, 2005:117). Espaços públicos-rituais bem definidos são sugeridos na configuração espacial das aldeias em formato elipsoidal e circular identificadas em alguns sítios arqueológicos da região (ABREU, 2000; DONATTI, 2003:95; MORAES, 2007:179; PORTOCARRERO, 2007:155). A participação em sistemas multiétnicos e multilíngües, bem como as extensas redes de troca em escala regional, são, portanto, as propostas deste trabalho para explicar os contextos identificados, as generalizações e particularidades do material arqueológico observado (LIMA, 2008: 373).

Estas cerâmicas, relacionadas principalmente à série Barrancóide no Orinoco, e por conseguinte, à tradição Borda Incisa na Amazônia, foram discutidas ao longo da literatura especializada (LATHRAP, 1970A; HECKENBERGER, 2002) e ligadas à eventos de expansão de falantes de línguas do tronco proto-Arawak. Sem a pretensão de adentrar por demais nestas discussões, haveria certa dificuldade em aceitar que estas características identificadas no registro arqueológico pudessem vir de uma gramática cultural hoje identificada com os povos falantes de línguas Arawak. Entretanto, ao pensar em regiões tão díspares quanto o alto Xingu, o baixo Orinoco e a Amazônia central, é possível aventar sem receio, que “os padrões distribucionais, a correlação entre língua e cultura, neste caso, é indubitável: onde encontramos falantes de línguas Arawak, também se encontra hierarquia social, sedentarismo e regionalidade” (HECKENBERGER, 2002: 46). O que o autor chama de regionalidade é o que se propõe para o entendimento de uma esfera de interações em seu contexto sistêmico.

De acordo com o quadro apresentado, os elementos observados no registro arqueológico sugerem correspondência com uma série de processos sociais, políticos, econômicos, demográficos e simbólicos que se desenrolam até os séculos XII ou XIII, quando há aparentes indícios de uma ruptura em elementos tão diversos como a tecnologia cerâmica, as formas de uso de espaço e a construção da paisagem. Este momento marca precisamente a identificação de elementos associados às ocupações Guarita na estratigrafia destes sítios. Vê-se, então, o início do fim deste sistema de interações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. E. **Estudo dos padrões do uso do espaço no sitio Osvaldo (AM-IR-09)**. Relatório de Iniciação Científica encaminhado à FAPESP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.
- ARROYO-KALIN, M. **Steps towards an ecology of landscape: a geoarchaeological approach to the study of anthropogenic dark earths in the Central Amazon region**. 2008. 326f. Tese (Doutorado) - Department of Archaeology, University of Cambridge, Cambridge, 2008.
- BALÉE, W. Biodiversidade e os Índios Amazônicos. In: CUNHA, M. (Ed.). **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo: NHII, USP, FAPESP. 1993. p. 385-393.
- _____. **Footprints of the forest**. New York: Columbia University, 1994.
- BALÉE, W; ERICKSON, C. **Time and complexity in historical ecology: studies in neotropical lowlands**. New York: Columbia University, 2006.
- BELLWOOD, P. Early agriculturalist population diasporas? Farming, languages, and genes. **Annual Review of Anthropology**, v. 30, p. 181-207, 2001.
- _____. **First farmers: The origins of agricultural societies**. Malden: Blackwell, 2005.
- BOOMERT, A. **Trinidad, Tobago and the lower Orinoco integration sphere: an archaeological/ethnohistorical study**. Alkmaar: Cairi Publications, 2000.
- BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales. La Longue durée. **Annales, Histoire, Sciences Sociales**, v.13, n.4, p. 725-753, 1958.
- BROCHADO, J.; LATHRAP, D. **Chronologies in the New World: Amazonia**. 1982. Manuscrito
- CHILDE, G. **What happened in History**. New York: Penguin Books, 1946
- COSTA, F. **Arqueologia das Campinaranas no baixo rio Negro**. 2009. 188f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2009.
- DONATTI, P. **A ocupação pré-colonial da área do lago Grande, Iranduba, AM**. 2003. 140f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2003.
- GASSON, R. Orinoquia: The Archaeology of the Orinoco River Basin. **Journal of World Prehistory**, v. 16, n. 3, p. 237-311, 2002.
- GOMES, D. **Cerâmica arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica do MAE-USP**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2002.
- HECKENBERGER, M. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana da long durée, 1000-2000d.c. In: HECKENBERGER, M. ; FRANCHETTO, B. (Orgs.). **Os povos do alto xingu**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 21-62.
- _____. Rethinking the Arawakan diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian formative. In: HILL, J. ; SANTOS-GRANERO, F. (Eds.). **Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia**. Chicago: University of Illinois, 2002. p. 99-122.
- _____. **The Ecology of power: culture, place and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000**. New York: Routledge, 2005.
- HECKENBERGER, M. ; NEVES, E. ; PETERSEN, J. De onde surgem os modelos? Considerações sobre a origem e expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, v. 41, n. 1, p. 69-96, 1998.
- _____. Village permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.

- HILBERT, P. **Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- LATHRAP, D. **The Upper Amazon**. London: Thames and Hudson, 1970a.
- _____. Review of Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas, **American Antiquity**, v. 35, n. 4, p. 499-501, 1970b.
- LATHRAP, D. ; OLIVER, J. El complejo policromo más antiguo de America en la confluencia del Apure y el Orinoco (Venezuela). **Interciencia**, v. 12, n. 6, p. 274-289, 1987.
- LIMA, H. **História das caretas: a tradição borda Incisa na Amazônia central**. 2008. 538f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LIMA, H. ; NEVES, E. ; PETERSEN, J. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia central. **Arqueologia Sul-Americana**, v. 2, n. 1, 2006.
- MACHADO, J. **A formação de montículos artificiais: um estudo de caso no sítio Hatahara, Amazonas**. 2005. 367f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MEGGERS, B. Environmental limitations on the development of culture. **American Anthropologist**, v. 56, p. 801-824, 1954.
- _____. **Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise**. Chicago: Aldine, Atherton, 1971.
- _____. Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Antropologia, v. 6, n. 2, p. 183-203, 1990.
- MEGGERS, B.; EVANS, Cl. An experimental Formulation of horizon styles in the tropical forest area of south America. In: LOTHROP, S. (Ed.). **Essays in Precolumbian art and archaeology**. Cambridge: Harvard University, 1961.
- _____. Lowland south america and the Antilles. In: JENNINGS, J. (Ed.). **Ancient south Americans**. San Francisco: W. H. Freeman, 1983.
- MORAES, C. de P. **Levantamento arqueológico das áreas de entorno do Lago do Limão, município de Iranduba/AM**. 2007. 243f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- NEVES, E. Village fissioning in Amazonia: a critique of monocausal determinism. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, v. 5, p. 195-209, 1995.
- _____. **Paths in dark waters: Archaeology as indigenous history in the upper rio Negro basin, northwest Amazon**. 1998. 413f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Department of Anthropology, Indiana University, 1998.
- _____. **Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia**. Projeto Temático - FAPESP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2005.
- _____. Ecology, ceramic chronology and distribution, long-term history and political change in the Amazonian floodplain. In: SILVERMAN, H. ; ISBELL, W. H.; (Eds.). **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008a. p. 359-379.
- _____. Warfare in Pre-Colonial Amazonia: When Carneiro Meets Clastres. In: NILSEN, A. ; WALKER, W. (Org.). **Warfare in cultural context: practice theory and the archaeology of violence**. Tucson: University of Arizona , 2008b.
- NEVES, E.; CASTRO, M.; COSTA, F.; LIMA, H.; PY-DANIEL, A. **Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia**. Relatório de atividades referentes ao Projeto Temático - FAPESP. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PETERSEN, J.; NEVES, E.; HECKENBERGER, M. Gift from the past: Terra Preta and prehistoric Amerindian occupation in Amazonia, In: McEWAN, C.; BARRETO, C. ; NEVES, E. (Eds.). **Unknown Amazon, culture in nature in ancient Brazil**. London: British Museum, 2001.
- PORTOCARRERO, R. **A variabilidade espacial no sítio Osvaldo: estudo de um assentamento da tradição Barrancóide na Amazônia central**. 2007. 213f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PY-DANIEL, A. **Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão**. 2009, 135f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

REBELLATO, L. **Interpretando a variabilidade cerâmica e as assinaturas químicas e físicas do solo no sítio arqueológico Hatahara**. 2007, 197p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROOSEVELT, A. **The excavations at Corozaal, Venezuela: stratigraphy ceramic seriation**. London: Yale University, 1997. 393p. (Yale University Publications in Anthropology, 83). ISBN: 9780913516171

_____. The development of prehistoric complex societies: Amazonia, a tropical forest. **Archeological Papers of the American Anthropological Association**. v. 9, n. 1, p. 13-33, 1999.

ROUSE, I; CRUXENT, J. **Venezuelan archaeology**. London: Yale University, 1963.

TAMANAHA, E. **Estudo de um montículo artificial no sítio Hatahara, AM**. Relatório de Iniciação Científica encaminhado à FAPESP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2006.

WILLEY, G.; PHILLIPS, P. **Method and theory in american archaeology**. Chicago: University of Chicago, 1958.